



SECÇÃO GRAFICA

Departamento de Cultura

Restaurado e Encadernado

em 20 / 12 / 1939



John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library

Brown University

Purchased from the

Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

A PRIMAVERA.

CANTATA.

POR

FRANCISCO VILLELA BARBOSA.

*Impressa no Tom. VI. Part. I. das Memorias da Academia
Real das Sciencias de Lisboa.*



LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1819.

Com licença de SUA Magestade.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

RECEIVED

APR 15 1954

(111B)

PHYSICS DEPARTMENT
550 UNIVERSITY DRIVE
CHICAGO, ILLINOIS

1954

APR 15 1954

1954

PHYSICS DEPARTMENT

A P R I M A V E R A .

C A N T A T A .

Πως ε χρη και εν ειαρι καλον αεισαι;

Meleagro Idyll. á Primav.

*Porque não cantarás também o Vate
A risonha, a formosa Primavera?*

Trad. por J. B. A. S.

LA onde em tuas margens, patrio Rio,
Que do primeiro mez tomaste o nome,
Pasce o sidereo Capro o verde esmalte,
E de teus crystaes bebe a onda pura,
(Meta antiga do Sol, centro hoje de outro,
Cujo lucido Imperio abrange os pólos)
Com providente mão a Natureza
O asylo preparou da Primavera.
Alli não murcha a rosa: alli os troncos
De flores sempre novas se atavião.
Alli (em quanto as negras Tempestades
Sobre as azas de Boreas carrancudo
Arripião do Inverno a hirsuta grenha,
Nos Ceos rola o trovão, cae o diluvio,

(4 .)

E do Septentrião alaga as plagas)
Se acolhe a Deusa com as Graças todas:
Mas apenas viçosa a amendoeira
Dá signal de acordar ás nuas plantas ,
No pressuroso carro Phebo a toma :
Dalli volta com elle alegre e rindo.
Quão doce he vêla então com mão curiosa
Toucar a densa coma do arvoredó ,
E sobre o verde dos macios valles
Desdobrar a cheirosa bordadura ,
Em que arte e mimo dispendêra Flora !
Quão doce he vêla do sanhudo Inverno
Triumphante correr em roseo carro
Os tapizados campos ! Vão ante Ella
Os capripedes Satyros dançando :
Fazem-lhe côrte as Graças prazenteiras :
Namorados de vêla os bosques cantão :
Os arbustos , os platanos florescem
Com seu halito doce perfumados :
E os virgineos botões , abrindo os labios ,
Com pudibundo riso se franqueião
Ao pranto creador da matrê Aurora.

Cantai , ó Pastoras ,
A Deusa da selva ,
Que veste de relva
As vossas campinas ,
E os valles matiza
De soltas boninas.

E Tu , que a natureza estudas e amas ,
Andrada , escuta o canto : ser-te-hão gratos
Os sons da patria Musa , e o nobre assumpto.
Com a lyra nas mãos , na bocca os hymnos ,
E no peito a virtude , ella te acena ,

E te convida para os floreatos valles
 A saudar as matutinas graças
 Da formosa Estação, Aurora do anno.
 Venturoso o mortal, que contemplala
 Póde' longe da Corte estrepitosa,
 E se apraz de trocar os aureos tectos
 Pelos verdes docéis da umbrosa selvã!
 Das symmetricas praças abhorrido,
 Corre estas veigas placidas, sem ordem,
 Habitadas da franca Singeleza.
 Das flores pelo calyce orvalhado
 Do tranquillo prazer o nectar gosta:
 E se adornado de virentes folhas
 No curvo ramo amadurece o Ouro;
 Encetado sem crime, então lhe deixa
 A fragrancia nas mãos, o mel nos labios.

Mas que augusto espectaculo se ostenta!
 Eis das moças Titães a Primogenia,
 Que do primeiro Sol dourára o berço,
 E o fulgido Oriente assignalára
 Com acceso rubim sobre o horizonte!
 De brincado lavor vistosas galas
 Trajão os Ceos; e os campos a esmeralda;
 E as montanhas de perolãs se toucão.
 Taes do Eden os jardins se nos pintarão,
 Que a innocencia floriu, murchára a culpa:
 De cujos restos sempre preciosos
 Saudosa a Natureza, de anno a anno,
 Com pincel immortal reforma o quadro;
 Não de teus camarins, Mortal vaidoso,
 Para ornar as paredes ociosas:
 No Sanctuario está da Natureza,
 E mui longe de vós, Homens vulgares,
 Para quem sobre os valles esmaltados
 Não tem cor a tulipa, ou cheiro a rosa.

(6)

Salve pois , Estação linda ,
Que alma nova dás ao mundo !
 Tua vinda ,
 Teu jucundo
Riso alegre a terra e ar.

Ja dos igneos horizontes
Desce á terra alma scintella :
 Sobre as fontes
 Ja se espelha
O verdejante pomar.

Ja não muge o trovão rouco
Nas profundas cavidades :
 Nem tão pouco
 Tempestades
Sobre a costa ouço roncar.

Ja có os sóccos quebra a neve
O corado Lavrador :
 Ja se atreve
 Sem pavor
A seus campos visitar.

Sob o jugo os bois mettendo
Canta a amor ; mas sem apego :
 Descrevendo
 Torto rego ,
Que hade breve semiar.

Rejeitando o tojo bravo ,
Tenros prados tosa a ovelha :
 Vai o favo
 Loura abelha
Fabricando a susurrar.

(7)

Cobre povo de mil flores
Todo o valle, e monte agreste:
Traja as cores,
Que o celeste
Arco em chuvas lhe vem dar.

Salve pois, Estação linda,
Que alma nova dás ao mundo!
Tua vinda,
Teu jucundo
Riso alegre a terra e ar.

Mas que fogo divino, que ar mais puro
Me inflamma o coração, me esperta o sangue?
Quão formosa Manhã coroa os montes!
Espargindo ouro e lirios se annuncia
O Rei dos Astros. Como alegre surge
Em pompa conduzindo a Primavera!
Soa nos bosques emplumada Orchestra:
Ardem aromas sobre o altar de Flora:
E adora ao Sol alvoroçada a Terra!
O' tu, fonte de luz, Alma do mundo,
Principio omniparente, e bemfazejo,
Tu, que fazes volver a roda ingente
Da carbunclea carroça luminosa,
Onde as quatro Estações gyrão perennes,
Sentado no teu Solio de diamantes,
Os meus hymnos protege, agora que alto
La do animal lanigero celeste
Ambos os pólos ves equidistantes,
E igualmente nos dás a luz e as trevas.
Foste de adoração o digno objecto
Das profanas Nações, que te incensarão!
Recebendo de ti alento e vida,
Gratidão lhes dictou canticos sacros:
Levantarão-te altar teus beneficios.

(8)

Louvai pois, viventes,
O lucido Nume,
Que pródigo lume
Reparte entre os entes:

E o frouxo embrião
Na madre profunda
Anima, e fecunda
Da terrea extensão.

Ja no arctico pólo
Com jasmims e ouro
Do celeste Touro
Orna o fulvo collo:

Que submisso humilha,
Em amor acceso,
Ao formoso peso
Da Agenoria filha.

E a terra, a que dera
Nome a gentil Moça,
Com graças remoça,
E folga na sphaera.

Depois ledó mora
Cõ os Lumes irmãos,
E os fructos louções
Nos ramos colora.

Para elles copeia
Da tenra Donzela
A cor da tez bella,
Que o pejo afogueia.

Mas eis a Tarde de primores rica!
Em mimos cõ a Manhã rivalizando,
Da creadora Estação varia o ornato,
Com diversos paineis vestindo o Templo.

Seguida dos Favonios innocentes
 Desce do Phebeo carro, e a par cõ a Deusa
 Em floridos vergeis passeia e brinca.
 Cõ a Amizade entretida, a Amor attenta,
 Aquõ tece grinaldas; la sem ordem
 Labyrinthos enreda, enleia sombras:
 Entre o myrto cheiroso o arroio escuta,
 E em cochins de verdura afaga os Somnos.
 Engolfada em taes lidas não receia
 A paz da Natureza ver turbada
 Quando do Occaso subito negrume
 Surge, e sobre o horizonte a Nevoa pouosa.
 Do Inverno fugitivo Austro junctando
 Os dispersos destroços, a reforça:
 Cresce, as azas estende, avulta, e voa.
 He cerrado Esquadrão de feias Nuvens:
 Cobre parte dos Ceos: feroz ameaça
 Disputar do hemispherio a posse á Deusa.
 Ai dos encantos seus! Quem os defende?
 Dá signal o Trovão: começa a lucta.
 Quanto me agrada ver estes combates!
 Tudo he bello nos Ceos, té seus furores:
 Inda entre elles reluz da Deusa a imagem!
 Em seu auxilio Phebo acode prompto:
 Ardente setta rapido dardeja,
 Que o seio rasga da assombrosa Treva.
 Dissipa-se a tormenta: as Nuvens fogem,
 Dando em tributo aljofares á terra.
 Venceu a Deusa enfim, e a luz resurge.
 Como he mimosa então a Natureza
 Cõ a bocca em riso, e as faces orvalhadas!
 Tal a Donzela, que travesso amante
 Em amorosos brincos magoára: (a)

**

(a) Como dama que foi do incauto amante
 Em brincos amorosos maltratada, &c.
Camões Cant. II. Est. XXXVIII.

Chora, e se ri, e alegre entre queixosa
Lhe embebe na alma divinaes delicias!
De pavoneas plumagens guarnecido
Iris levanta o arco do triumpho.
O Sol lhe doura a pompa: as flores se erguem
Adornadas de liquidos diamantes,
De enfeitar-lhe a coroa cubiçosas:
E das aves, que attonitas nos bosques
Pela densa ramagem se escondêrão,
Harmonioso bando os ares cruza,
Celebrando a Victoria, a Paz, e a Deusa.

Os ledos pastores
De tantos
Encantos,
E ricos primores,

Das frutas nos sons
Com hymnos
Divinos
Descantão os dons.

E tu, Eco, as frases,
Que escutas,
A's grutas
Ensinas loquazes.

Nas azas então
Os Ventos
Attentos
Suspensos estão.

Porem ja lança languido sorriso
Phebo sobre os outeiros empinados.
Augusta sombra a Natureza envolve,
E doce luz a escuridão prateia.
Eis no theatro da Noite a scena posta,

E nocturnos Festins tecendo encantos.
Seus mysterios então Amor celebra.
Do ethereo pavilhão se estende o panno
Bordado da mais rica pedraria.
Do centro pendente do soberbo tecto
Argenteo Lustre, que illumina a scena.
Eu vos saúdo, ó Noite, ó Lua, ó Astros,
Que da Quadra gentil sois ornamento!
Nos festejos có a Terra o Ceo compete,
E fulgores disputa a Noite ao Dia.
Em aureo e vasto circulo os Planetas
Formão attentos nitido cortejo,
A' formosa Estação reconhecidos.
Nella o primevo impulso recebêrão,
Quando do mundo na mimosa infancia,
As prescriptas carreiras ensaiando,
Pela abobada azul promptos rodárão.
Veneranda memoria, anciã, sagrada,
Que repetem fieis á voz do Eterno!

Fervem mil lumes
No Ceo sereno,
Que ao brilho ameno
Fazem ciumes
Do verde prado,
Tambem bordado
De seus fulgores:

São estrellas no ceo, no campo flores.

Ventos mais doces sobre as crespas vagas,
Sobre as verdes searas se derramão,
As perfumadas azas extendendo.
Quaes se repartem do Oceano o imperio:
Quaes se dividem as amenas varzeas.
Suaves Virações, aquelles cruzão
Os undosos districtos socegados:

E ao voto ardente de saudosa Esposa
Prosperos soprão , borrhando os Deuses ,
E os pintados Heroes da erguida poppa.
Brincões Favonios , estes se divertem ,
Ora levando ás sequiosas plantas
A amiga geração nas ferteis azas :
Ora brincando cõ os anneis dispersos
Da loura Camponeza , que cantando
Entre os dedos de neve o fuso volve.

Neptuno brando
As vagas doma.
Dos mares toma
Zephyro o mando ,
Que Euro excessivo ,
E Africo altivo ,
Exercitavão
Nas salgadas campanhas , que guardavão.

Então desperta
Gyra a ambição.
Oh como vão
Por via incerta
Gravidas quilhas ,
Das Mães e Filhas
Sempre choradas ;
Das recentes Esposas detestadas !

Ja a novos portos
A frota aborda :
A industria acorda
Nos Genios mortos :
E ao mutuo bem
Correndo vem ,
Inda singelas ,
Firmes dando-se as mãos as Artes bellas.

Porem quem como Tu, *Illustre Andrada*,
 Na malfadada, ingrata Idade nossa,
 Ha que assim possa sempre estudioso,
 E proveitoso dispender da vida
 Em melhor lida o seu melhor thesouro:
 Na Lyra de ouro ora altos sons tangendo,
 O regendo os Lusitanos choros,
 Donde sonoros alvos Cysnes voão,
 Que o mundo atroão com eterno brado,
 O Tempo, o Fado ameaçando, e a Inveja,
 Que em vão pragueja vendo a luz Phebea:
 Salve, Assembleia de Varões Sapientes,
 Astros luzentes sois da Lusa Sphera:
 Va de era em era vossa fama e gloria.
 Fiel Historia põe a salvo os que amão,
 E a Patria afamão por trabalhos nobres.
 Que não descubres, ó sagaz Talento!
 Cada elemento submettendo a normas,
 As artes formas, e dás leis aos usos.
 Em vão reclusos seus thesouros tinha
 Com mão mesquinha a Natureza ignava.
 Industria cava as preciosas minas:
 Cria officinas pertinaz trabalho:
 Retinne o malho, range a lima, e ruge
 Eólo, e muge a lavareda ondeando.
 De quando em quando geme a selva; e ás praias
 Baixão as faias das frondosas serras,
 E a extranhas terras levão uteis seres.
 Pomona e Ceres orna a Mãi Cybele;
 E de Semele guia o filho as danças,
 Prendendo as tranças pampinosas vides.
 Sempre assim lides, geração humana!
 Riqueza mana das proficuas Artes,
 Que mal repartes, caprichosa Sorte.
 Porem importe para o bem de tudo
 Primeiro o estudo, que nos traz ventura.

Formosa e pura só a dá Sapiencia
A' consciencia, que despiu cuidados,
Por livres prados extendendo a vida.
Alli guarida foi achar Verdade,
Quando á Cidade de entre ardis fugindo,
No seio lindo a recatou Virtude,
E ao pastor rude a confiou em guarda.
Muito pois tarda para ser ditoso,
Quem cuidadoso alli não busca abrigo;
Onde o perigo da ambição salvando,
E contemplando a universal belleza,
Que a Natureza tem tão rica ornado,
Por seu dourado codigo instruido,
Cante embebido na lição celeste
A mão que veste á Primavera as flores,
E á Aurora as galas de gentis primores.

No palacio da Riqueza
Não habita a sã Ventura:
So a encontra o que a procura
No seio da Natureza.

Lê pois, *Andrada* ditoso,
No grande livro do mundo,
Em quanto o somno profundo
Cerca o leito do ocioso.

Nas puras manhans suaves,
Quando o Sabio o campo estuda,
O Rouxinol o sauda,
E ledas cantão-lhe as aves.

Nas longas tardes calmosas
O abriga docel frondoso,
E brincar no leito hervoso
Vê as sombras buliçosas.

(15)

Logo enlevado o diviso
Có os olhos nos horizontes ,
Quando o Sol dourando os montes
Lhes dá o ultimo sorriso.

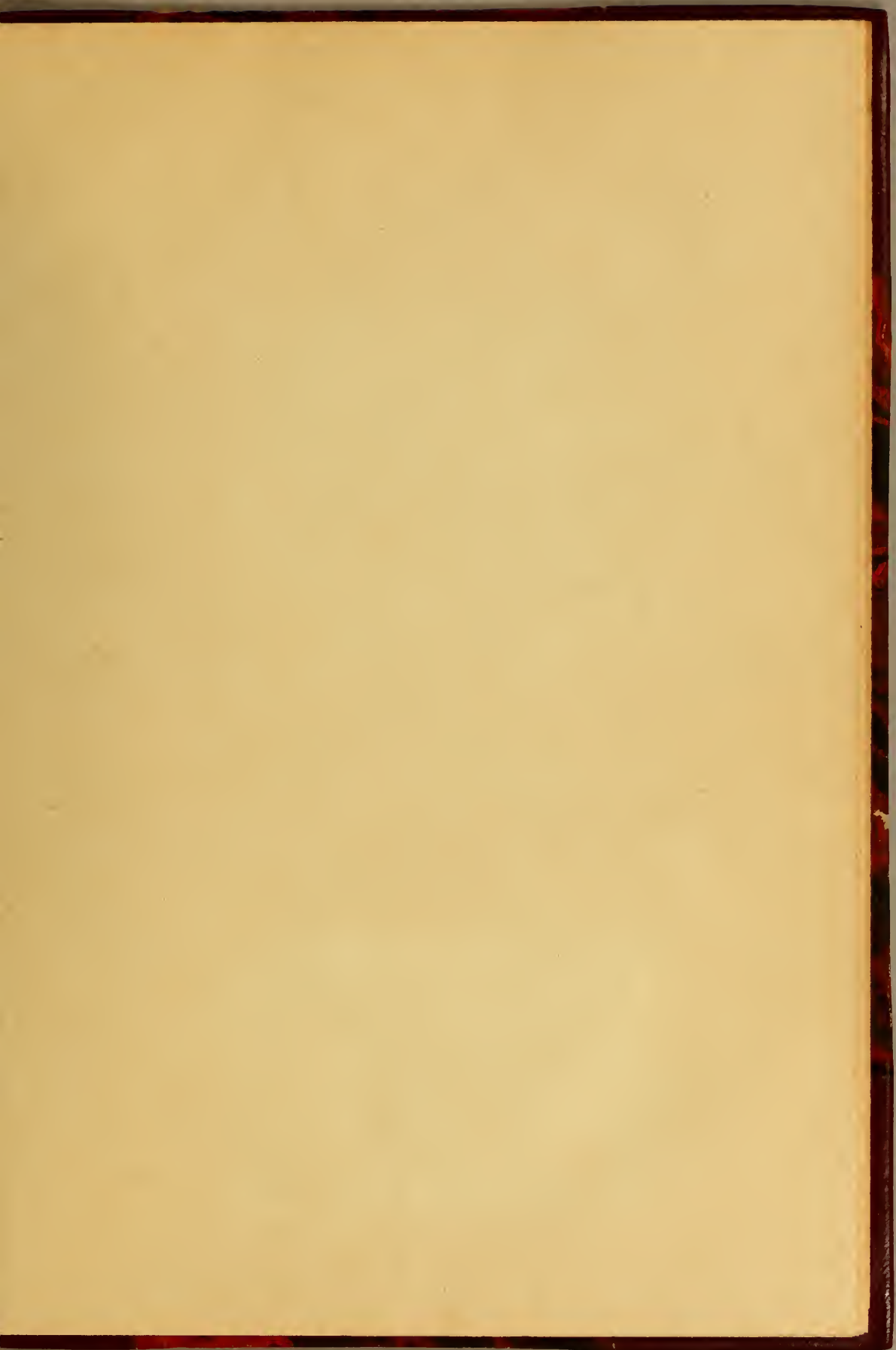
Depois no nocturno veo
Em caracteres brilhantes
Lem os seus olhos errantes
As maravilhas do Ceo.

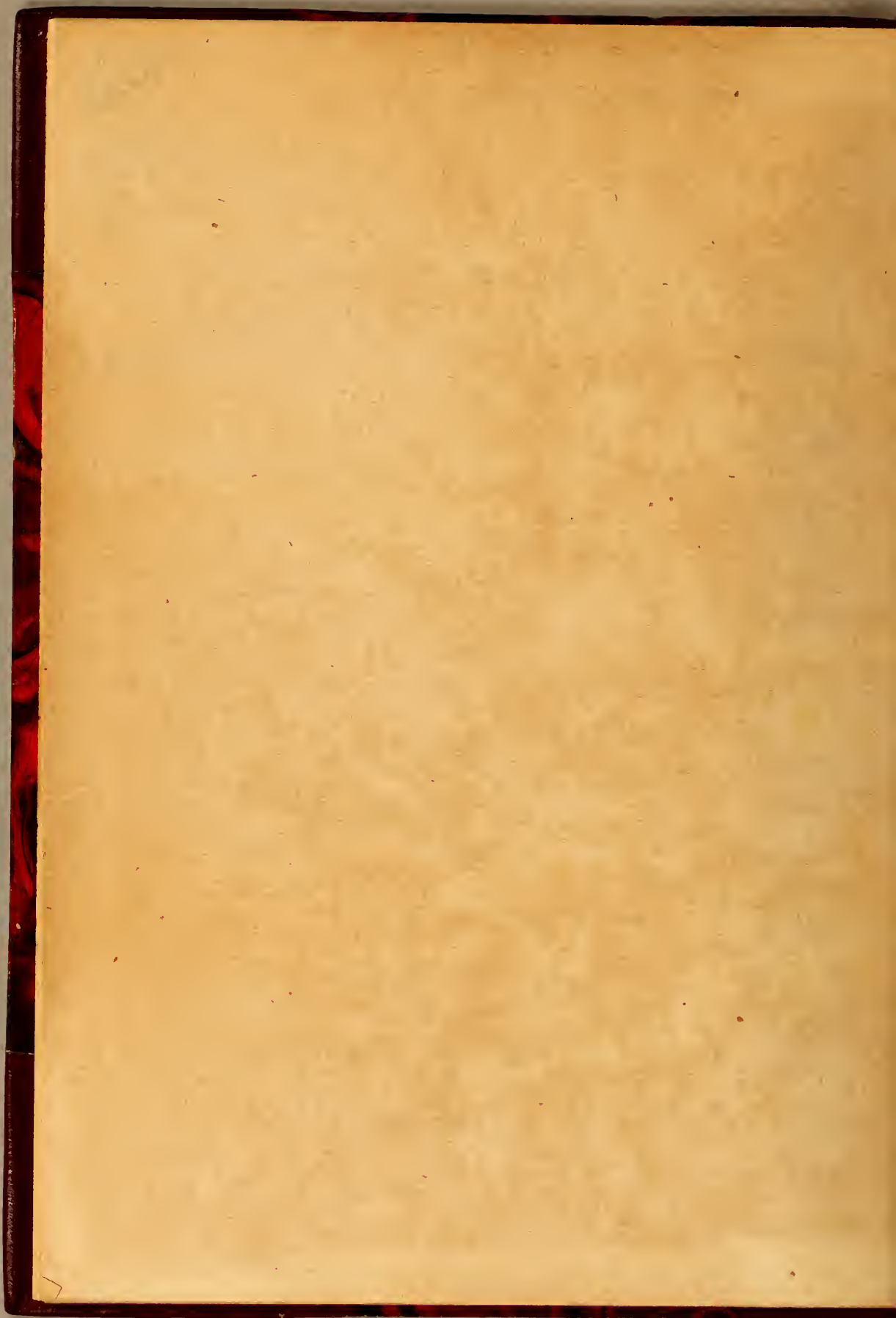
F I M.

70-404

Kosmos-Rio

Feb. '70





C819

B238

